

II. ECONOMIAS CAPITALISTAS

3. OS DETERMINANTES DOS LUCROS *

A teoria dos lucros num modelo simplificado ¹

Em primeiro lugar, vamos considerar os determinantes dos lucros numa economia fechada, na qual tanto os gastos governamentais como os impostos são desprezíveis. Deste modo, o produto nacional bruto será equivalente à soma do investimento bruto (em capital fixo e estoques) com o consumo. O total do produto nacional bruto será dividido entre trabalhadores e capitalistas, virtualmente nada sendo pago como tributo. A renda dos trabalhadores consiste em salários e ordenados. A renda dos capitalistas — ou lucros brutos — inclui a depreciação de capital e os lucros não distribuídos, os dividendos e as retiradas dos empresários, os aluguéis e os juros. Temos então o seguinte balanço do produto nacional bruto, no qual distinguimos o consumo dos capitalistas e o consumo dos trabalhadores:

Lucros brutos	Investimento bruto
Salários e ordenados	Consumo dos capitalistas
<hr/>	<hr/>
<i>Produto Nacional Bruto</i>	<i>Produto Nacional Bruto .</i>

* Reproduzido de KALECKI, M. The determinants of profits. In: —. *Theory of economic dynamics*. Londres, George Allen & Unwin, 1965. Trad. por Dilma Vana Linhares.

¹ A teoria dos lucros aqui apresentada foi desenvolvida em 1935 em meus trabalhos: *Essai d'une théorie de mouvement cyclique des affaires*. *Revue d'Economie Politique*, mar./abr. 1935, e *A macrodynamic theory of business cycles*. *Econometrica*, jul. 1935.

Se fizermos a suposição adicional de que os trabalhadores não poupam, então o consumo dos trabalhadores será igual à sua renda. Segue-se, então, que:

$$\text{Lucros brutos} = \text{Investimento bruto} + \text{Consumo dos capitalistas}$$

Qual o significado desta equação? Significa que os lucros num dado período determinam o consumo dos capitalistas e o investimento, ou o contrário? A resposta a esta questão depende de qual desses itens está diretamente sujeito às decisões dos capitalistas. É claro que os capitalistas podem tomar decisões de investir e de consumir mais num determinado período do que no período precedente, mas não podem decidir ganhar mais. Logo, são suas decisões de investimento e consumo que determinam os lucros, e não vice-versa.

Se o período em consideração for pequeno, podemos dizer que o investimento e o consumo dos capitalistas são determinados por decisões configuradas no *passado*. Isto porque a execução das encomendas de investimento tomam um certo tempo e é também com uma certa demora que o consumo dos capitalistas responde a mudanças nos fatores que o influenciam.

Se os capitalistas sempre decidissem consumir e investir num determinado período o que lucraram no período precedente, os lucros naquele determinado período seriam iguais aos do período precedente. Neste caso, os lucros seriam estacionários e o problema de interpretar a equação acima perderia a importância. Mas *não* é esse o caso. Embora os lucros do período anterior constituam um dos importantes determinantes do consumo e do investimento dos capitalistas, os capitalistas em geral não decidem consumir e investir num determinado período precisamente o que ganharam no precedente. Isso explica por que os lucros *não* são estacionários, mas flutuam no tempo.

O argumento acima requer certas qualificações. As decisões de investimento passadas podem não determinar inteiramente o volume de investimento num dado período por causa de uma acumulação inesperada, ou de um esgotamento, dos estoques. A importância desse fator, entretanto, parece ter sido freqüentemente exagerada.

Uma segunda qualificação surge do fato de que as decisões de consumo e investimento são usualmente tomadas em termos reais, e neste intervalo de tempo os preços podem mudar. Exemplificando, uma peça de equipamento de capital encomendada pode agora ter um custo maior do que quando foi feito o pedido. Para eliminar essa dificuldade,

supomos que ambos os lados da equação são calculados a preços constantes.

Podemos agora concluir que os lucros brutos reais num dado curto período são determinados por decisões dos capitalistas com relação a seu consumo e investimento assumidas no passado, sujeitas a correções em face de mudanças inesperadas no volume dos estoques.

Para o entendimento dos problemas considerados, é útil apresentá-los de um ângulo um tanto diferente. Seguindo os “esquemas de reprodução” marxistas, subdividimos toda a economia em três departamentos: o departamento I produz bens de investimento, o departamento II produz bens de consumo para os capitalistas, e o departamento III produz bens de consumo para os trabalhadores. Os capitalistas do departamento III, após terem vendido aos trabalhadores a quantidade de bens de consumo correspondente a seus salários, ainda contarão um excedente de bens de consumo que será equivalente a seus lucros. Esses bens serão vendidos para os trabalhadores do departamento I e do departamento II, e como os trabalhadores não poupam, nisso será absorvida sua renda. Desta forma, o lucro total será igual à soma dos lucros no departamento I, dos lucros no departamento II e dos salários nesses dois departamentos; ou seja, o lucro total será igual ao valor da produção desses dois departamentos — em outras palavras, o valor da produção de bens de investimento e bens de consumo para os capitalistas.

A produção dos departamentos I e II também determinará a produção do departamento III, se a distribuição entre lucros e salários em todos os departamentos for constante. A produção do departamento III subirá até o ponto em que os lucros obtidos com essa produção forem iguais aos salários dos departamentos I e II. Ou, para dizê-lo diferentemente, o emprego e a produção do departamento III crescerá até o ponto em que o excedente dessa produção sobre o que os trabalhadores desse departamento compram com seus salários seja igual aos salários dos departamentos I e II.

Isto esclarece o papel dos “fatores de distribuição”, isto é, os fatores determinantes da distribuição de renda (como o grau de monopólio), na teoria dos lucros. Posto que os lucros são determinados pelo investimento e consumo dos capitalistas, é a renda dos trabalhadores (aqui igual ao consumo dos trabalhadores) que é determinada pelos “fatores de distribuição”. Assim, o investimento e o consumo dos capitalistas juntamente com os “fatores de distribuição” determinam o

consumo dos trabalhadores e, em conseqüência, o emprego e a produção nacional. A produção nacional crescerá até o ponto em que os lucros obtidos de acordo com os “fatores de distribuição” forem iguais à soma do investimento e do consumo dos capitalistas ².

O caso geral

Podemos agora passar de nosso modelo simplificado para a situação real em que a economia não é um sistema fechado e onde os gastos governamentais e a tributação não são desprezíveis. O produto nacional bruto é, neste caso, igual à soma do investimento bruto, consumo, gasto público em bens e serviços e do saldo das exportações sobre as importações. (“Investimento” aqui significa investimento privado, sendo que o investimento público está incluído no gasto governamental em bens e serviços.) Posto que o valor total da produção é dividido entre capitalistas e trabalhadores ou tributado, o valor do produto nacional bruto enquanto renda será igual a: lucros brutos descontados os impostos, salários e ordenados descontados os impostos, mais todos os impostos diretos e indiretos. Temos então o seguinte balanço do produto nacional bruto:

Lucros brutos	Investimento bruto
descontados os impostos diretos	Saldo de exportação
	Gasto do governo em
	bens e serviços
Salários e ordenados	Consumo dos capitalistas
descontados os impostos diretos	Consumo dos trabalhadores
Tributos (diretos e indiretos)	
<hr/>	<hr/>
<i>Produto nacional bruto</i>	<i>Produto nacional bruto</i>

Parte dos tributos é gasta em transferências tais como os benefícios sociais, enquanto a parte restante serve para financiar a despesa pública

² O argumento acima é baseado na suposição de oferta elástica. Entretanto, se a produção de bens de consumo para trabalhadores é realizada sem capacidade ociosa, qualquer incremento no investimento ou consumo dos capitalistas irá meramente provocar uma alta nos preços desses bens. Nesse caso, é a alta dos preços dos bens de consumo dos trabalhadores que incrementará os lucros no departamento III até o ponto em que eles sejam iguais ao maior montante dos salários dos departamentos I e II. As taxas reais de salário cairão, refletindo o fato de que um maior montante de salário se confronta com uma oferta inalterada de bens de consumo.

com bens e serviços. Vamos subtrair, de ambos os lados do balanço acima, os impostos menos as transferências. Do lado da renda, o item "tributos" desaparecerá e adicionaremos as transferências aos salários e ordenados. No outro lado, a diferença entre o gasto governamental em bens e serviços e os impostos menos as transferências será igual ao déficit orçamentário. Então o balanço será o seguinte:

Lucros brutos descontados os impostos Salários, ordenados e transferências descontados os impostos	Investimento bruto Saldo de exportação Déficit orçamentário Consumo dos capitalistas Consumo dos trabalhadores
<i>Produto Nacional Bruto</i> <i>menos impostos mais transferências</i>	<i>Produto Nacional Bruto</i> <i>menos impostos mais trans-</i> <i>ferências</i>

Subtraindo agora, de ambos os lados, os salários, os ordenados e as transferências, deduzidos os impostos, obtemos a seguinte equação:

$$\begin{array}{l}
 \text{Lucros brutos} \\
 \text{descontados os} \\
 \text{impostos}
 \end{array}
 =
 \left\{ \begin{array}{l}
 \text{Investimento bruto} \\
 + \text{ Saldo de exportação} \\
 + \text{ Déficit orçamentário} \\
 - \text{ Poupança dos trabalhadores} \\
 + \text{ Consumo dos capitalistas}
 \end{array} \right.$$

Assim, esta equação é diferente da equação do modelo simplificado, pelo fato de termos agora, em lugar do investimento, a soma do investimento com o saldo de exportação, o déficit orçamentário, menos a poupança dos trabalhadores. É evidente, entretanto, que nossa primeira relação ainda prevalece, se supomos que o orçamento e o comércio externo são equilibrados e que os trabalhadores não poupam; isto é:

$$\text{Lucros brutos descontados os impostos} = \text{Investimento bruto} + \text{Consumo dos capitalistas}$$

Mesmo se essas suposições forem feitas, o sistema é muito mais realista do que no modelo simplificado, e todos os argumentos da primeira parte ainda são aplicáveis. É preciso lembrar, entretanto, que estamos tratando agora com lucros após a dedução dos impostos, enquanto no modelo simplificado o problema não se colocava porque os impostos eram supostamente desprezíveis.

Poupança e investimento

Vamos subtrair o consumo dos capitalistas de ambos os lados da equação geral dos lucros (ver acima) e somar a poupança dos trabalhadores. Vamos obter:

Poupança bruta dos capitalistas	Investimento bruto
Poupança dos trabalhadores	Saldo de exportação
	<u>Déficit orçamentário</u>
<hr/>	<hr/>
<i>Poupança bruta total</i>	<i>Poupança bruta total</i>

Assim, a poupança total é igual à soma do investimento privado com o saldo de exportação e o déficit orçamentário, enquanto a poupança dos capitalistas, evidentemente, é igual a este total menos a poupança dos trabalhadores.

Se agora supusermos que o comércio exterior e o orçamento governamental são equilibrados, obteremos:

$$\text{Poupança bruta} = \text{Investimento bruto}$$

Se supusermos, uma vez mais, que os trabalhadores não poupam, teremos:

$$\text{Poupança bruta dos capitalistas} = \text{Investimento bruto}$$

Esta equação é equivalente a:

$$\text{Lucros brutos} = \text{Investimento bruto} + \text{Consumo dos capitalistas}$$

porque pode ser obtida desta última equação, deduzindo-se o consumo dos capitalistas de ambos os lados.

Deve-se enfatizar que a igualdade entre a poupança e o investimento mais o saldo de exportação e o déficit orçamentário, no caso geral — ou apenas o investimento, no caso especial —, será válida em quaisquer circunstâncias. Em particular, ela será independente do nível da taxa de juros, costumeiramente considerado pela teoria econômica como fator de equilíbrio entre a procura e a oferta de novo capital. Na presente concepção, o investimento, uma vez aplicado, fornecerá automaticamente a poupança necessária para seu financiamento. Realmente, em nosso modelo simplificado, os lucros num período qualquer são resultado direto do investimento e do consumo dos capitalistas nesse

período. Se o investimento cresce de um certo montante, a poupança dos lucros é *pro tanto* maior.

Para dizer de forma mais concreta: se alguns capitalistas aumentam seu investimento usando para isto suas reservas líquidas, os lucros dos outros capitalistas aumentarão *pro tanto*, e então as reservas líquidas investidas passarão à posse destes últimos. Se o investimento adicional for financiado por crédito bancário, o gasto dos montantes em questão fará com que iguais montantes de lucros poupados sejam acumulados sob forma de depósitos bancários. Os capitalistas que investiram poderão então emitir títulos de crédito no mesmo valor e assim pagar os compromissos bancários.

Uma importante consequência do que acabamos de expor é que a taxa de juros não pode ser determinada pela demanda e oferta de novo capital, porque o investimento é “autofinanciado”.

O efeito do saldo de exportação e do déficit orçamentário

Freqüentemente adotamos as hipóteses de um orçamento governamental equilibrado e de um comércio exterior equilibrado, assim como uma poupança dos trabalhadores igual a zero, as quais nos possibilitam basear nossos argumentos na igualdade entre os lucros após a dedução dos impostos e a soma do investimento bruto com o consumo dos capitalistas. Vale a pena, entretanto, dizer algumas palavras agora sobre o significado da influência do saldo de exportação e do déficit orçamentário sobre os lucros.

Segundo a fórmula acima estabelecida, os lucros são iguais ao investimento mais o saldo de exportação, mais o déficit orçamentário, menos a poupança dos trabalhadores, mais o consumo dos capitalistas. Segue-se diretamente que um aumento no saldo de exportação elevaria os lucros *pro tanto*, na medida em que os demais componentes não se alterem. O mecanismo implicado é o mesmo descrito no início deste trabalho. O valor de um incremento na produção do setor de exportações corresponderá a um aumento dos lucros e salários desse setor. Os salários, entretanto, serão gastos na compra de bens de consumo. Assim, a produção de bens de consumo para os trabalhadores se expan-

dirá até o ponto em que os lucros dessa produção aumentarão no mesmo montante dos salários adicionais no setor exportador ³.

Segue-se diretamente daí que o saldo de exportação possibilita aos lucros aumentarem acima do nível que seria determinado pelo investimento e consumo dos capitalistas. É deste ponto de vista que a luta por mercados externos pode ser observada. Os capitalistas de um país que conseguem dominar os mercados externos até então em poder de outros países podem aumentar seus lucros às custas dos capitalistas desses outros países. Similarmente, uma metrópole colonial pode alcançar um saldo de exportação através do investimento em suas colônias ⁴.

O déficit orçamentário tem um efeito similar ao do saldo de exportação. Permite também aumentar os lucros acima do nível determinado pelo investimento privado e pelo consumo dos capitalistas. Num certo sentido o déficit orçamentário pode ser considerado um saldo artificial de exportação. No caso do saldo de exportação, um país recebe mais por suas exportações do que ele paga por suas importações. No caso do déficit orçamentário, o setor privado da economia recebe mais através das despesas governamentais do que ele paga em impostos. A contrapartida do saldo de exportação é um aumento do endividamento dos países estrangeiros em relação ao país considerado. A contrapartida do déficit orçamentário é um aumento do endividamento do governo em relação ao setor privado. Estes saldos de receitas sobre pagamentos geram lucros da mesma maneira.

Isto mostra claramente o significado dos mercados "externos" (incluindo os criados pelos déficits orçamentários) para uma economia capitalista. Sem tais mercados, os lucros estão condicionados pela habilidade dos capitalistas em consumir ou efetuar um investimento. São o saldo de exportação e o déficit orçamentário que permitem aos capita-

³ Se o setor produtor de bens de consumo dos trabalhadores estiver operando com plena capacidade, os preços destes bens subirão até o ponto em que os lucros dessa produção aumentem num montante igual aos salários adicionais no setor exportador (cf. nota 2).

⁴ O empréstimo externo concedido por um determinado país não está necessariamente associado às exportações de bens desse país. Se um país *A* empresta ao país *B*, este último pode gastar o empréstimo no país *C*, o qual pode com isto aumentar de um igual montante seu estoque de ouro e de divisas estrangeiras. Neste caso, o empréstimo externo concedido pelo país *A* provocará um saldo de exportação no país *C*, acompanhado por uma acumulação de ouro ou de divisas estrangeiras neste país. No caso das possessões coloniais, esta situação não deve ocorrer, ou seja, o montante emprestado será normalmente gasto na metrópole.

listas obter lucros maiores do que o montante de suas próprias compras de bens e serviços.

A conexão entre os lucros “externos” e o imperialismo é evidente. A luta pela divisão dos mercados externos existentes e a expansão imperialista colonial, que provêem novas oportunidades para a exportação de capital associada com a exportação de bens, podem ser consideradas como um esforço pela obtenção de saldo de exportação, a fonte clássica dos lucros “externos”. As armas e as guerras, usualmente financiadas pelos déficits orçamentários, constituem também uma fonte deste tipo de lucros.